



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15938 - Resumo Expandido - Trabalho - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)  
 ISSN: 2595-7945  
 GT 15 - Educação Especial

**INDICADORES DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM AUTISMO DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**  
 Daniel Novaes Gomes Pereira - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO  
 Ana Paula de Freitas - USF - Universidade de São Francisco  
 Frank Jose Gutierrez Sivira - USF - Universidade de São Francisco  
 Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

**INDICADORES DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE UM ALUNO COM AUTISMO DO SEGUNDO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

O presente trabalho é fruto de uma tese de doutorado defendida no ano de 2022 com apoio da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A problemática do estudo é constituída pela hegemonia de saberes clínicos tradicionais para intervenção pedagógica com pessoas com autismo. Tais saberes privilegiam o corpo biológico e os comportamentos presentes no diagnóstico clínico de autismo. Em vista disso, no contexto escolar, indaga-se: como os saberes pedagógicos repercutem na constituição da criança (com autismo)? Com foco para a problemática levantada, o objetivo deste estudo é levantar indicadores do processo de aprendizagem de um aluno com autismo do segundo ano do ensino fundamental.

A pesquisa está amparada na teoria histórico-cultural cuja tese principal é a de que o homem se constitui na relação com o outro, em um contexto social histórico e cultural. Para Vigotski (1996, p. 219), uma pesquisa científica de base histórica precisa se atentar para as regularidades da problemática sob qual o olhar do cientista se volta. Tais regularidades podem ser explicadas a partir de três movimentos: “[...] 1) com o substrato sociocultural da época; 2) com as leis e condições gerais do conhecimento científico; 3) com as exigências objetivas que a natureza dos fenômenos objetos de estudo coloca para o conhecimento científico no estágio atual da investigação”. Com esse fundamento, desenvolveu-se um trabalho de campo, em uma escola pública de ensino fundamental, localizada em uma região de periferia do interior do

Estado de São Paulo com Miguel, uma criança com autismo, de 8 anos e matriculado no segundo ano, sua professora Quezia e a estagiária Esther (todos os nomes são fictícios).

As investigações foram orientadas pela abordagem microgenética, isto é, buscou-se os indícios dos processos de singularização do sujeito. Segundo Werner (2001, p. 17), olhar para o plano microgenético de desenvolvimento da espécie humana possibilita ao pesquisador investigar “[...] por exemplo, a relação professor-aluno e a interação dos alunos entre si [...]”, levando em consideração a dialogicidade, as pistas, indícios e sinais de como a realidade é expressa por meio da relação que o sujeito estabelece com os outros e consigo. Em conformidade ao exposto, as situações foram videogravadas, audiogravadas, registradas em fotos e diário de campo, posteriormente transcritas em turnos (T), privilegiando as ações, falas, interações, explicações dos/sobre os sujeitos e contextos e aconteceram em: 1. Observação das aulas. 2. Discussão, com a professora regente, dos modos de organização da aula, tendo em vista a participação do aluno. 3. Entrevista com a criança e sua mãe a respeito da sua história de escolarização.

A situação empírica apresentada é oriunda dos três passos orientados a partir do entendimento teórico-metodológico do referencial histórico-cultural com vistas a levantar indicadores do processo de aprendizagem de um aluno com autismo do segundo ano do ensino fundamental. No episódio a tarefa vai sendo realizada a partir da interação e intervenção do professor-pesquisador, da professora e de Esther. Eles convocam Miguel para a realização da tarefa, através das mãos que sinalizam, por meio do diálogo que busca mobilizar o estudante através das pistas e das dicas sobre os conceitos de dúzia e de dezena, enfatizados, oralmente.

No primeiro turno, a professora pergunta quanto é uma dúzia, o aluno responde sorrindo (T. 2) “1? 18?” Quezia repete a pergunta enfatizando “quanto é a DÚ/ZI/A. A professora continua com tom mais sério, dá uma risada de canto e explica o que é a dúzia, utilizando o som das palavras para ensinar o conceito, a professora enfatiza no T. 4, “Presta a atenção, DEZ/ENA, DEZ, DEZ”, e Miguel diz “ah...” mostrando que se lembrou. Em seguida e séria, a professora chama a atenção (T. 6) “quando a professora perguntar quanto vale a dúzia, quanto você vai dizer?” e ele responde (T. 7), “uma dúzia é 12”. Ao ver que o aluno está prestando atenção, e que não está fazendo graça, Quezia continua a perguntar (T. 8), “e quanto vale a dezena?”, ele responde no turno seguinte, “a dezena é 10”.

Nesta situação, os indicadores de aprendizagem passam pela apropriação do conceito de número por Miguel. Ao realizar o exercício, quando questionado, o aluno responde que a dezena é 10. A esse respeito, tomamos as palavras de Vigotski (2009) para explicar a elaboração conceitual da criança. Quando a criança emprega o conceito (uma dezena é 10), está construindo o sentido do que aquela palavra representa, e isto faz parte de um processo complexo de elaboração do conhecimento na qual há um interfuncionamento de funções psíquicas (elaboração de conceitos, atenção, memória etc.) na apropriação.

Daí o caráter constitutivo da singularidade. Ao incorporar ao seu vocabulário o que a dezena representa e, a partir disso construir suas tarefas, Miguel mobiliza processos psicológicos e escolhe quando diz as palavras. Smolka, Góes e Pino (1998, p. 157) explicam que a palavra (signo) e, neste caso (dezena), “surge em relações interindividuais mediando encontros dos sujeitos com outros enquanto (trans)forma o funcionamento mental. Como um sinal privilegiado, a palavra constitui a interface dos processos sociais e individuais no discurso para/de outros ou no discurso interno”. No início da realização da tarefa o aluno está fazendo ‘graça’, a professora chama sua atenção, e ele compreende que, naquele momento, não há outro argumento se não responder o que lhe é perguntado. Por meio de sua palavra, intencional, o aluno mostra para a professora quais são suas intenções e impressões a respeito da tarefa.

A elaboração conceitual tal qual acontece neste episódio passa, também, pelo uso dos instrumentos técnico-semióticos. Freitas, Nacarato e Moreira (2017) mencionam o movimento da elaboração conceitual a partir do ensino de geometria. Para as autoras, colocar em movimento a função da imaginação torna possível que novos elementos sejam compostos ao que a criança já está se apropriando. As mãos e a palavra do outro, que funcionam como recurso auxiliar para a resolução da tarefa, medeiam o processo de elaboração conceitual.

As análises apontam para o ensino escolar como via de transformação da estrutura cerebral, cujas funções psíquicas são mobilizadas a partir de tais estruturas. Nesse sentido, o que indica aprendizagem não é o resultado da tarefa em si, ele pode ser um dos indicadores, o fator principal é o quê, com quem e como o aluno com autismo realiza a tarefa. Para Vigotski (2021) diz sobre o processo de humanização da pessoa com deficiência: o social é fonte de inúmeras possibilidades de desenvolvimento. O papel social da escola está para além da ação e reprodução do saber cultural acumulado historicamente, mas na reelaboração do próprio homem. Quer dizer, a função social da escola vai além da reprodução cultural, diz respeito ao acesso aos bens culturais e a apropriação (processo de aprendizagem) desses bens.

## REFERÊNCIAS

FREITAS, A. P.; NACARATO, A. M.; MOREIRA, K. G. A elaboração do conceito geométrico nos anos iniciais: refletindo sobre o papel da palavra e da imaginação. In: MASCIA, M. A. A.; ANJOS, D. D. dos; SMOLKA, A. L. B. (org.). *Leituras de Vigotski*. 1. ed. Campinas: MERCADO DE LETRAS, 2017. p. 69-88

SMOLKA, A.L.B.; GOES, M.C. R.; PINO, A. A constituição do sujeito: uma questão recorrente? In WERTSCH, J.V.; RÍO, P Del & ALVAREZ, A. *ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DA MENTE*. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

VIGOTSKI, L. S. O significado histórico da crise da Psicologia. Uma investigação metodológica. Em: *TEORIA E MÉTODO EM PSICOLOGIA* (p. 203-421). São Paulo: Martins Fontes. 1996. 524 p.

VIGOTSKI. L. S. *A CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO E LINGUAGEM*. São Paulo: Martins Fontes.

2009. 194 p.

VIGOTSKI. L. S. **PROBLEMAS DE DEFECTOLOGIA**. Zoia Prestes e Elisabeth Tunes. (orgs. Edic. Tradu. Rev. Téc.). Expressão popular. 2021. 239 p.

WERNER. J. **SAÚDE & EDUCAÇÃO: desenvolvimento e aprendizagem do aluno**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.